

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2024

o

NÚMERO 54

O LEGADO
EXPERIMENTAL
NA GALERIA
MILLAN



EDITORIAL

Duas galerias paulistas, a Millan e a Luisa Strina, exibem mostras destacadas nesta edição. Ambas apresentam trabalhos de Anna Maria Maiolino, que receberá o prestigiadíssimo *Leão de Ouro* na Bienal de Veneza, em abril, pelo conjunto da obra.

Na Millan, com curadoria de Antonio Gonçalves Filho, *“O Legado Experimental”* estabelece diálogos entre a produção contemporânea e obras de artistas ativas desde a década de 1950: Anna Maria Maiolino, Lygia Pape e Mira Schendel, segundo o curador *“vetores da liberdade criativa, que deixaram o caminho aberto para novas gerações”*. A elas, na mostra, somam-se os trabalhos de Elena Damiani, Guga Szabzon e Vivian Caccuri.

Das veteranas citadas, Pape (1927-2004), Schendel (1919-1988) e Maiolino têm em comum trabalhos em papel, presentes na exposição com obras de diversos períodos. *“Elas guardam estreitas relações com as peças das artistas que hoje seguem esses vetores da arte contemporânea, essas mulheres que se tornaram protagonistas da arte experimental nos anos 1970”*, ressalta Antonio Gonçalves Filho em seu texto curatorial.

Na galeria Luiza Strina, *“Querer e não querer, desejar e temer”* reúne obras que abrangem mais de cinco décadas do trabalho de Anna Maria Maiolino, cuja seleção foi realizada pela própria artista. No espaço expositivo, desenhos, esculturas, fotografias e vídeo criam um percurso que atravessa materialidades e temporalidades distintas, estabelecendo nexos entre trabalhos produzidos em diferentes suportes.

O título da exposição espelha as dualidades presentes na obra da artista, como o cheio e o vazio; frente e verso; negativo e positivo, e Maiolino oferece ao público um recorte generoso e múltiplo de uma parte significativa de sua extensa obra. Suas escolhas sensíveis e precisas permitem, sem didatismo, que o espectador encontre a partir dos próprios trabalhos algumas das possíveis articulações de uma linguagem aberta e em constante transformação.

Boa leitura!

ÍNDICE

04	OXIGENE: <i>Memórias do mar aberto: Medeia conta sua história</i> <i>Ocupação Hulda Bittencourt: uma história com a dança</i> <i>Bom dia, eternidade</i> <i>Chaves: A Exposição no MIS Experience SP</i> <i>Tutankamon, uma experiência imersiva</i>
16	MATÉRIA DE CAPA: <i>“O Legado Experimental” e “Surge et Veni” na Galeria Millan, São Paulo</i>
24	<i>Anna Maria Maiolino: Querer e não querer, desejar e querer</i>
30	<i>Lugar de estar: o legado Burle Marx</i>
37	<i>Synchretismo, do francês Louis Guillaume, no Paço Municipal Porto Alegre</i>
39	<i>“Mulheres do Além-Mar” em exposição na capital catarinense</i>
41	<i>Newton Mesquita no Museu de Arte Brasileiro da FAAP, SP</i>
44	<i>Coreografias do Impossível – MAM Rio recebe a primeira itinerância da 35ª Bienal de São Paulo</i>
46	DIRETO DE LONDRES: <i>Freud e as raízes da psicanálise na América Latina</i>
50	<i>Sentir Mundo – Uma Jornada Imersiva</i>

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaborador: Antonio Gonçalves Filho

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Foto: Ronaldo Gutierrez

MEMÓRIAS DO MAR ABERTO: MEDEIA CONTA SUA HISTÓRIA

*Narrativa clássica ganha contornos feministas com texto de Consuelo de Castro.
Idealizado por Roberta Collet, com direção de Reginaldo Nascimento,
o espetáculo estreia dia 17 no Teatro Paiol Cultural, SP*

Em 1997, a dramaturga Consuelo de Castro (1946-2016) publicou sua versão de *Medeia*, com a ideia de desconstruir sua imagem – na mitologia grega é a mulher que mata os filhos para se vingar da traição de seu marido, Jasão. Na montagem do espetáculo idealizado por Roberta Collet, que também está no papel principal, Medeia luta para garantir a paz entre os povos do Ocidente e do Oriente. Por esse motivo, foi traída não só pelo amor de Jasão por outra mulher, mas por uma aliança política dele com o rei Creonte.

“Sempre quis montar Medeia e convidei o diretor Reginaldo para embarcar nessa ideia comigo. Mas ele preferia atualizar o original, para se conectar com questões do nosso tempo. Assim, durante nossa pesquisa encontramos a dramaturgia da Consuelo, que se casava perfeitamente com o que queríamos”, conta Roberta.

O texto de Consuelo mostra Medeia com ideais políticos: ela chefia a expedição dos Argonautas no lugar de Jasão. De acordo com o mito, a missão desses navegantes era ir à Cólquida buscar o Velocino de Ouro, um presente dos deuses cujo poder era atrair prosperidade.

Para abordar todas essas dimensões no espetáculo, a encenação coloca o poder feminino a partir dos atos finais de vida, mortes e renascimentos que atravessam o caminho de Medeia. Ela representa a luta pela paz de várias outras mulheres ao longo da história.

A traição aparece em cada desejo inescrupuloso dos homens que a cercam no desenvolvimento da tragédia. *“Ela é deslegitimada pelos deuses, pelos oráculos e pelo próprio Jasão. Em sua visão, todos esses agentes matam as pessoas que a ajudam e roubam seu direito de ser rainha”,* comenta o diretor Reginaldo Nascimento.

Fotos: Ronaldo Gutierrez



SOBRE A ENCENAÇÃO

Medeia conta sua história de uma maneira diferente. Por isso, de acordo com o diretor Reginaldo Nascimento, a concepção do espetáculo se pauta em uma encenação limpa. *“Nosso foco está na força das palavras e na potência das interpretações. O cenário é minimalista e a trilha sonora serve apenas para ambientar o espectador”*, comenta.

Na montagem, todos os personagens já estão mortos – exceto Medeia, que se tornou um símbolo. *“Como minha ideia é que ela expurgue os pecados, a narrativa acontece em retrospecto, como um filme. Ou seja, o palácio já foi queimado e os filhos já estão mortos. Assim, os atores e atrizes surgem chamuscados pela poeira do fogo e do tempo – trabalho a cargo do figurinista Chriz Aizner”*, detalha o diretor.

Em relação à sonoplastia, Reginaldo Nascimento decidiu utilizar apenas música instrumental. Há também a projeção de um mar, com o barulho constante de água, raios e trovões, que imprime o clima de uma tragédia grega.

Fazem parte do elenco, Roberta Collet, Felipe Oliveira, Haroldo Bianchi, Joca Sanches e Rodrigo Ladeira. A peça foi montada com recursos próprios, sem o apoio de leis de incentivo.

SERVIÇO

Memórias do Mar Aberto: Medeia conta sua história

17 de fevereiro a 24 de março

Teatro Paio Cultural

R. Amaral Gurgel, 164, Vila Buarque, São Paulo / SP

(estações de metrô: Santa Cecília e República)

Dias/Horários: aos sábados, às 20h, aos domingos, às 19h

Tel.: (11) 2364-5671

Estacionamentos conveniados:

Rua Marquês de Itu, 401 e 436

Bilheteria: de quinta a domingo, das 14h às 20h

Valor: R\$ 60,00 e R\$ 30,00

Foto: Ronaldo Gutierrez





Foto: Arquivo pessoal

Ocupação

Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança

*Exposição na Oficina Cultural
Oswald de Andrade, SP,
presta homenagem a icônica
coreógrafa e diretora artística,
que completaria 90 anos*

Nascida em 28 de julho de 1934, Hulda Bittencourt (1934-2021) foi um marco na história da dança nacional. Fundadora do Estúdio de Ballet Cisne Negro, a artista também se destacou como empresária, coreógrafa e diretora artística da icônica companhia que completa 47 anos em 2024. Toda essa trajetória de sucesso é relembrada na inédita *Ocupação Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança*, em cartaz na Oficina Cultural Oswald de Andrade até dia 2 de março.

Com idealização e curadoria de Dany Bittencourt, diretora artística da Cisne Negro, e de Marco Prado, – conhecido pela curadoria do Circuito Cultural



Foto: Arquivo pessoal

Paulista (que teve mais de 10 mil apresentações em sua gestão), entre outros –, a exposição ocupa o cineclube, o vão central da área de convivência, a galeria e o hall da Oficina. *“Selecionamos mais de 100 peças, considerando vídeos, fotos, figurinos e partes de cenários, para contar a história dessa coreógrafa e bailarina e da jornada da Cisne Negro Cia de Dança. Não me lembro de ver outra exposição sobre o universo da dança com este tamanho, em São Paulo”*, comenta Prado.

“A exposição possui um grande significado, pois acontece em um espaço público que foi a casa de Oswald de Andrade, personalidade tão importante para a literatura brasileira, e agora o sentimento é de que Oswald está recebendo nossa querida Hulda em sua casa”, afirma Dany Bittencourt, diretora artística da cia Cisne Negro.

Entre as peças reunidas para a ocupação, constam fotos de Hulda com a família, durante seu casamento, assim como fotos com algumas de suas alunas, além de imagens dela vestida para algumas de suas apresentações. Há também trechos de diários, frases e uma cronologia com todas as conquistas da bailarina e de sua compa-

nhia. Merece destaque um dos seus principais feitos: a primeira montagem de *“O Quebra-Nozes”* em São Paulo, tendo o espetáculo – já em sua primeira exibição – conquistado o prêmio da APCA como *“Melhor Espectáculo do Ano”*. Em 2023, a obra natalina completou 40 anos consecutivos de apresentações.

A Ocupação Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança tem apoio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, por meio da Poiesis.

SERVIÇO

Ocupação Hulda Bittencourt: Uma História com a Dança

Até 2 de março

Oficina Cultural Oswald de Andrade

Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3221-5558

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 20h, sábados, das 12h às 18h

A exposição conta com audiodescrição

Entrada gratuita | Acessibilidade

BOM DIA, ETERNIDADE



Foto: Júlio Cesar Almeida

Espectáculo do coletivo O Bonde reflete sobre o envelhecimento dos corpos negros. Uma banda de quatro músicos 60+ contracena com o elenco, mesclando histórias de suas vidas e ficções de um futuro diferente



Fotos: Júlio Cesar Almeida

Bom dia, Eternidade é a última parte da *Trilogia da Morte*, iniciada com a peça infantil *Quando eu morrer vou contar tudo a Deus*, com dramaturgia de Maria Shu e direção de Ícaro Rodrigues; seguida por *Desfazenda – Me enterrem fora desse lugar*, com texto de Lucas Moura e direção de Roberta Estrela D’Alva, premiada como *Melhor Espetáculo Virtual* pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e indicada a *Melhor Dramaturgia* pelo prêmio Shell, em 2020.

Com a proposta de aquilombar-se, O Bonde reúne artistas periféricos – Ailton Barros, Filipe Celestino, Jhonny Salaberg e Marina Esteves – que têm investigado, nos últimos trabalhos, as experiências de quase morte do corpo negro. Mais especificamente, as heranças do período escravocrata.

A ENCENAÇÃO

Com dramaturgia de Jhonny Salaberg e direção de Luiz Fernando Marques Lubi, o espetáculo está focado na velhice. Na trama, quatro irmãos idosos que sofreram um despejo na infância recebem a restituição do terreno após quase 60 anos. Eles se encontram para decidir o que fazer. *“Estamos construindo uma grande utopia, em que os negros envelhecem de forma saudável e digna”*, comenta o ator Filipe Celestino.

Aos poucos, conforme interagem com objetos afetivos, os personagens se descortinam para o público. Histórias reais e ficcionais se misturam e o tempo se embaralha em meio às lembranças. Toda a ação acontece no quintal da antiga moradia da família. *“O cenário evoca essa atmosfera carinhosa, remetendo a uma casa de vó. Cores como bege e verde estão bastante presentes”*, afirma Lubi, que também assina a cenografia e o figurino.

Para deixar a plateia ainda mais imersa nesse universo das memórias, ainda são projetados vídeos com depoimentos dos integrantes da banda, relatos reais e ficcionais, mistura que é a marca registrada d’O Bonde.

Tradicionalmente, O Bonde se dedica a estudar o poder das palavras e das narratividades. No infantil *Quando eu morrer vou contar tudo a Deus*, a pesquisa se deu com os griôs. Em *Desfazenda*, a poesia falada e as batalhas de rimas foram as duas grandes referências para o espetáculo. Agora, os artistas exploram as potencialidades das histórias que são contadas por gerações e as músicas antigas que dão o tom de toda a narrativa.

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

Canções de Fernando Alabê, Djavan, Tim Maia, Jorge

Aragão, Roberto Mendes Barbosa, Luiz Alfredo Xavier, Jorge Ben Jor, Lupicínio Rodrigues e Johnny Alf norteiam a narrativa. *“Nossa banda é formada por Cacau Batera (bateria e voz), Luiz Alfredo Xavier (violão, contrabaixo e voz), Maria Inês (voz) e Roberto Mendes Barbosa (piano e voz), todos com mais de 60 anos e com uma trajetória incrível na área. Quisemos também que eles pudessem compartilhar as suas vivências, sem ninguém falando por eles”*, conta Celestino.

Partindo desse princípio, o coletivo fincou os pés no presente e revisitou as histórias das famílias e das migrações, além dos contos, dos causos, das teses, das lutas e tudo o que constitui a sociabilidade de um corpo negro e velho. Os músicos se transformam em personagens e os atores Ailton Barros, Filipe Celestino, Jhonny Salaberg e Marina Esteves são os duplos deles, em um jogo cênico carregado de simbolismo. A direção musical é assinada por Fernando Alabê.

SINOPSE

Quatro irmãos idosos que sofreram um despejo quando crianças recebem a restituição do terreno após quase 60 anos e se encontram para decidir o que fazer.

O tempo se embaralha em um jogo de cortinas e um mosaico de histórias reais e ficcionais é costurado no quintal da antiga casa acompanhado de um bom café e de um velho samba. Em cena, uma banda de quatro músicos, todos com mais de sessenta anos, em um jogo friccional com as narrativas dos atores d'O Bonde. Um espetáculo que descortina a realidade do passado olhando para o presente.

SERVIÇO

Bom dia, Eternidade

Até 25 de fevereiro

Teatro Anchieta – Sesc Consolação

R. Dr. Vila Nova, 245, Vila Albuquerque, São Paulo / SP

Dias/Horários: sextas e sábados, às 20h, domingos, às 18h

Sessões nas tardes de 15 e 22 de fevereiro, quintas, às 15h

Ingresso: R\$ 50 (inteira), R\$ 25 (meia-entrada)

e R\$ 15 (credencial plena)

Compra de ingressos:

<https://centralrelacionamento.sescsp.org.br>,

no app *Credencial Sesc SP* e na bilheteria das Unidades

Duração: 120 min | *Classificação etária indicativa:* 14 anos



Foto: Júlio Cesar Almeida



Foto: Diego Valverde / MIS

“CHAVES: A EXPOSIÇÃO” no MIS Experience (SP)

Mostra celebra 40 anos da série no Brasil. Inédita e imersiva, reúne parte do acervo original, como figurino usado pelo ator e roteiros, além dos principais cenários de Chaves e Chapolin Colorado

A maior mostra sobre Chaves já realizada no mundo acontece em São Paulo, no MIS Experience, e celebra as quatro décadas de exibição do icônico programa de TV no Brasil, com a reconstrução de mais de vinte cenários emblemáticos que fizeram parte da vida de milhões de espectadores.

Além de transportar os visitantes para dentro das séries "Chaves" e do herói "Chapolin Colorado", a exposição – inédita – reúne um acervo exclusivo de figurinos, itens e roteiros originais trazidos do México exclusivamente para a mostra em São Paulo. A vida e obra de seu criador, o escritor Roberto Gómez Bolaños, conhecido como Chespirito, também está presente.

Os cenários foram detalhadamente recriados para oferecer uma experiência única. O público poderá "entrar em cena" na tradicional Vila do Chaves, na casa do Seu Madruga, no segundo pátio da Vila e conhecer, até mesmo, alguns locais do seriado que estavam somente no imaginário do próprio personagem, como a sala da Bruxa do 71, entre outros pontos famosos da série.

Foto: Felipe Piacente / MIS



ÔNIBUS GRATUITOS

Serão disponibilizados ônibus gratuitos (ida e volta) a partir da plataforma 5 do terminal turístico da Barra Funda.

- *Saindo da Barra Funda:* 09h30 às 19h30 (a cada uma hora). Aos sábados, também às 20h30.
- *Saindo do MIS Experience:* 09h15 às 21h45 (a cada uma hora). Aos sábados, também às 22h45.

SERVIÇO

Chaves: A Exposição

Até 31 de março

MIS Experience

Rua Cenzo Sbrighi, 250, Água Branca, São Paulo / SP

Dias/Horários: terças a sextas, domingos e feriados: das 10h às 20h (permanência até 21h)

sábados: das 10h às 21h (permanência até 22h)

Ingressos: gratuito às terças; quartas às sextas: R\$ 40,00 (inteira) e R\$ 20,00 (meia); sábados, domingos e feriados: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia)

Vendas no site www.expochave.com.br e na bilheteria do MIS Experience | *Classificação indicativa:* livre

Foto: Diego Valverde / MIS



TUTANKAMON

UMA EXPERIÊNCIA IMERSIVA



Foto: Divulgação

Exposição permite que os visitantes mergulhem nos segredos do Egito Antigo interagindo com o universo de um dos faraós mais famosos do mundo

A exposição *Tutankamon, uma Experiência Imersiva* conta com espaço inovador no metaverso, proporcionando uma experiência interativa e imersiva nunca antes vista no Brasil. As tecnologias utilizadas na exposição também contam com uma sala projeção mapeada em 4K, proporcionando uma jornada única aos segredos do antigo Egito. A visita acontece de terça a sábado, das 10h às 22h, e aos domingos, das 12h às 21h, no Shopping Cidade São Paulo, na Avenida Paulista, na Zona Sul de São Paulo.

O evento propõe ao visitante uma jornada única no tempo, explorando os segredos de uma civilização milenar e o esplendor de um dos faraós mais emblemáticos. O mix que une história e os maiores avanços tecnológicos, expostos pela primeira vez no Brasil, permite uma experiência divertida, educativa e transformadora.

Os ingressos estão disponíveis para compra na Ticketmaster e têm quantidade diária limitada. Os valores começam em R\$ 40,00 por pessoa, com descontos especiais para grupos. Nesta exposição o visitante é convidado a desvendar os segredos dos antigos rituais funerários, explorar os mistérios do submundo egípcio, e reviver, em detalhes arrebatadores, a descoberta da tumba de Tutankamon em 1922.

Por conta de toda inovação tecnológica utilizada no conceito expositivo, a experiência transcende as barreiras do tempo e do espaço, mergulhando os participantes em uma jornada excepcional pelo legado de Tutankamon e do Egito antigo.

Ao adentrar na exposição, os visitantes serão conduzidos por sete salas, cada uma oferecendo uma visão

única do legado de Tutankamon e da civilização egípcia. Este mergulho no metaverso não se limita a uma simples observação do passado, mas sim à vivência genuína e visceral do momento histórico. A união entre passado, presente e futuro se torna tangível, permitindo que os entusiastas da egiptologia experimentem, de forma inigualável, o fascínio e a emoção de desvendar os mistérios de uma era distante.

"O uso de equipamentos de última geração foi fundamental para impulsionar a nossa trajetória que já conta com mais de 37 anos de história. Agora, estamos prestes a inaugurar uma nova era, onde experiências tão cativantes quanto as de Tutankamon serão ainda mais frequentes. Nosso objetivo é permanecer sempre à frente, oferecendo constantemente ao mercado tec-

nologia de ponta aliada a um serviço de alta qualidade, o que nos credencia para atuar cada vez mais no mercado internacional de eventos", afirma Gijo Pinheiro, CEO da Apple Produções.

SERVIÇO

Tutankamon, uma Experiência Imersiva

Até 19 de maio

Shopping Cidade São Paulo – 4º Piso (Em frente ao Cinema)

Av. Paulista, 1230, Bela Vista, São Paulo / SP

Dias/Horários:

terça a sábado, das 10h às 22h; domingo, das 12h às 21h

Ingressos no local ou na Ticketmaster:

<https://www.ticketmaster.com.br/event/tutankamon-uma-experiencia-imersiva>

Instagram: <https://www.instagram.com/tutankamon.exp/>

Foto: Divulgação





*O LEGADO
EXPERIMENTAL
E SURGE
ET VENI
NA GALERIA
MILLAN,
SÃO PAULO*

Millan dá início à programação de 2024 com exposições coletivas que reforçam sua posição de fomentar a experimentação artística e o diálogo entre gerações.

Com curadoria de Antonio Gonçalves Filho, as duas mostras olham simultaneamente para a história da galeria e apontam para seu movimento atual de expansão

O Legado Experimental estabelece diálogos entre a produção contemporânea e obras de artistas ativas desde a década de 1950. A mostra conta com trabalhos de Elena Damiani, Guga Szabzon e Vivian Caccuri, representadas pela galeria, além de de Anna Maria Maiolino, Flávia Ribeiro (a Frapê, morta em outubro último), Mira Schendel e Lygia Pape, cujas trajetórias convergem com a da Millan.

Surge et veni reúne jovens pintores que têm ganhado destaque no circuito artístico e apresenta diferentes desdobramentos da pintura contemporânea. Com obras de Beatrice Arraes, Bruno Neves, Lucas F. Rubly, Rayana Rayo e Thiago Hattner, o conjunto demonstra as diferentes soluções e pesquisas no campo pictórico atual.

As duas exposições acontecem no espaço adquirido pela galeria em março do ano passado – Rua Fradique Coutinho 1430, Pinheiros. Para se adequar à expansão de seu programa, a Millan promove uma reforma completa no edifício original (Fradique Coutinho 1360), reorganizando todos os espaços expositivos e administrativos a um raciocínio único. O projeto arquitetônico prevê inclusive uma grande intervenção na relação do edifício com a rua: no recuo frontal, haverá uma praça horizontal para acolher os visitantes.

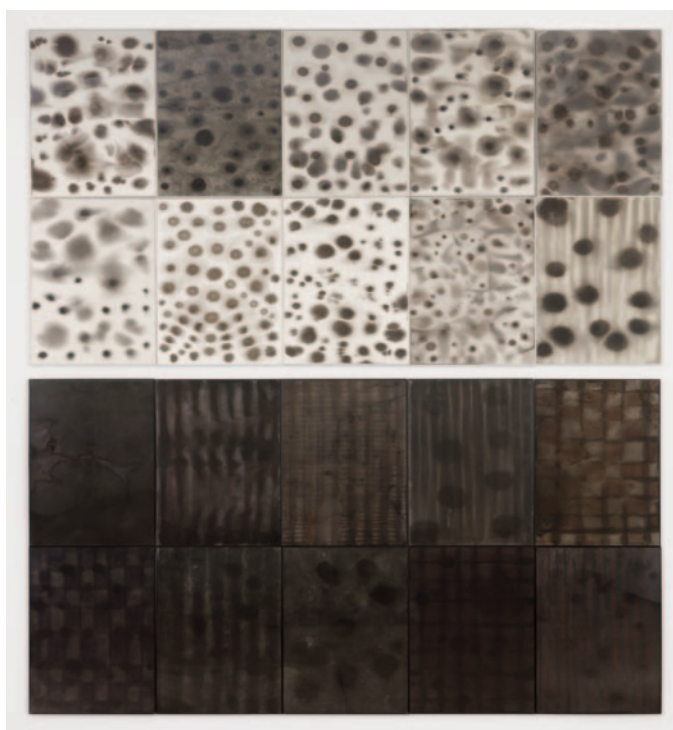
O LEGADO EXPERIMENTAL

Antonio Gonçalves Filho*

O abandono de suportes convencionais, a afirmação da subjetividade, a experimentação e o uso de novas tecnologias têm sido identificados, com frequência, como traços distintivos da arte contemporânea. Três grandes artistas veteranas, que passaram pela Millan e que se encontram aqui reunidas na exposição *O Legado Experimental* (Anna Maria Maiolino, Lygia Pape e Mira Schendel), foram vetores dessa liberdade criativa. E deixaram o caminho aberto para novas gerações, representadas por três artistas também ligadas à galeria e incluídas na mostra (Elena Damiani, Guga Szabzon e Vivian Caccuri), que presta tributo a uma criadora que nos deixou cedo e foi representada, no passado, pela Millan: Flávia Ribeiro, carinhosamente conhecida no meio como Frapê.

Flávia Ribeiro (Frapê), *Sem título*, déc. 1980

Foto: Ana Pigosso





Anna Maria Maiolino, *Sem título*, 1998

Foto: Sérgio Guerini

Das veteranas citadas, Lygia Pape (1927-2004) e Mira Schendel (1919-1988) já entraram para a eternidade, a exemplo de Frapê (1954-2023), morta em outubro último. Todas têm em comum trabalhos em papel, como é possível atestar nesta mostra com obras de diversos períodos. Elas guardam estreitas relações com as peças das artistas que hoje seguem esses vetores da arte contemporânea, essas mulheres que se tornaram protagonistas da arte experimental nos anos 1970.

Não se deve esquecer que a arte de Maiolino, especialmente em papel, reflete o milieu que a cercava. Seus desenhos/objetos dos anos 1970 têm muito a ver com Mira Schendel e Lygia Pape. Assim o comprovam as monotipias de Mira e as obras em papel japonês de Pape, nome fundamental de um movimento histórico da arte contemporânea brasileira, o neoconcretismo.

Anna Maiolino e Mira Schendel, ao contrário, nunca se consideraram artistas neoconcretas. Maiolino, aliás,

sempre resistiu a “certezas formais”, o que explica a adoção de materiais flexíveis como a argila, de 1980 em diante, por influência do pintor e escultor argentino Victor Grippo (1936-2002).

A argila é o protótipo de matéria, e não só pela função de formar seres de que é dotada no Antigo Testamento. Ela contém, segundo Maiolino, a possibilidade da forma. “*E a forma organiza a matéria amorfa.*” Simples assim, como é possível observar em suas peças selecionadas para a mostra.

Mira Schendel comenta essa ancestralidade bíblica em várias de suas monotipias, chegando a uma reflexão de caráter existencialista numa delas, de 1964, *Nel vuoto del mondo* (*No vazio do mundo*), que corresponde a um momento decisivo de sua carreira. Por essa época, Mira dedicava-se especialmente à pintura matérica, da qual também temos exemplos na exposição (têmperas sobre juta dos anos 1960).



Mira Schendel, *Sem título*, 1962
Foto: Sérgio Guerini

A monotipia anteriormente citada, reproduzida num livro da Cosac Naify, é o avesso da atitude afirmativa que a textura compacta das pinturas sugere, resultante de um aglomerado de cimento ou areia. No caso da obra gráfica em questão, o “*vazio do mundo*” aponta para o advento de uma nova espacialidade, ditada por suas preocupações ontológicas. O espaço vazio, como se sabe, tocava particularmente a artista. A frase inserida na monotipia resume bem esse conflito do ser no limiar de um mundo em desaparecimento.

Trabalhos de duas séries históricas da artista neoconcreta Lygia Pape podem ser vistos na mostra — ambos dos anos 1960, justamente a época em que sua adesão ao movimento se fortaleceu com a criação do *Livro dos caminhos* (1963/1976) e *Livro do tempo* (1965). No



Lygia Pape, *Sem título* (da série *Livro dos Caminhos II*), 1963/1976
Foto: Ana Pigosso

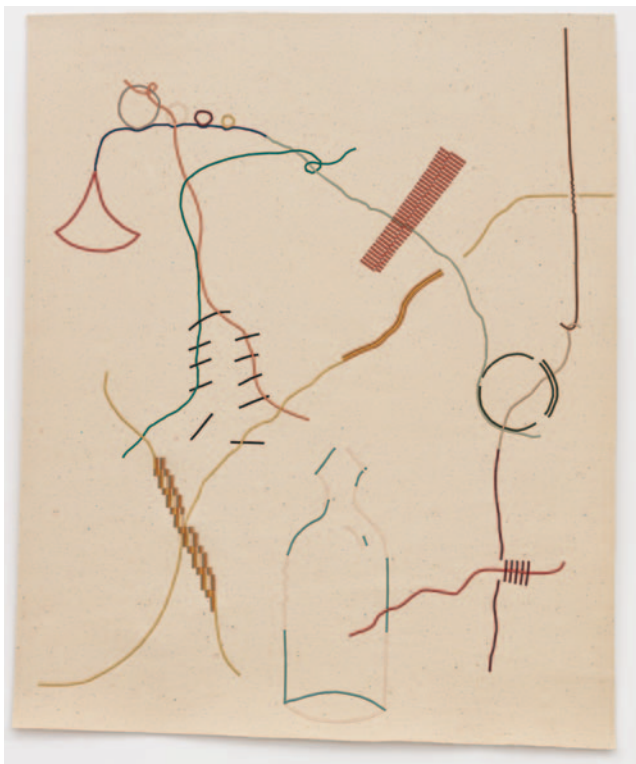
primeiro caso, trata-se de uma obra em tinta látex e acrílica sobre madeira com quadrados em relevo, uma alusão direta a uma série de Mondrian que também inspirou Oiticica a criar seus metaesquemas. A forma geométrica (tão cara a Albers) é retomada no *Livro do tempo*, um quadrado azul sobre fundo branco, simetria explorada igualmente na peça tridimensional *Volante* (1999), cuja base é um quadrado em ferro banhado em cobre.

A exemplo de Maiolino, Lygia Pape trabalhou igualmente com materiais flexíveis. Uma das preocupações de Pape era incorporar o espectador em sua obra, concedendo a ele liberdade para manusear as peças, caso de *Sting amazonino* (1990).

Apresentada na 34ª Bienal de São Paulo, sua série *Amazoninos*, como o próprio título sugere, faz referência à região amazônica que a inspirou, tanto como a Antropofagia do modernista Oswald de Andrade. Na mencionada série, as chapas com tintas metalizadas que remetem à flora amazônica se apropriam, de modo antropofágico, da mitologia ameríndia para estabelecer uma curiosa relação com a contemporaneidade.

De forma similar, a suave textura do feltro ajudou a enriquecer a sintaxe visual da jovem artista Guga Szabzon, que adota, entre muitas outras referências, a geometria ancestral do patchwork das comunidades indígenas americanas, como a tribo Seminole, referência de outra grande artista têxtil, a norte-americana Sheila Hicks, que trabalhou com os mesmos padrões geométricos.

Guga Szabzon (1987) segue essa boa tradição, mas a renova com um olhar contemporâneo, enfrentando a instabilidade do mundo com a precisão da linha e, eventualmente, também das palavras, revelando um parentesco inexplorado com o trabalho de Mira Schendel e Anna Maiolino (em particular seus bordados).



Guga Szabzon, *Contrapeso*, 2023 Foto: Ana Pigosso

Fonte inesgotável para a artista paulistana Guga tem sido o Dicionário de lugares imaginários, criado pelo escritor argentino Alberto Manguel. O mundo real pode ter fronteiras intransponíveis, mas não os mundos da literatura e das artes. Guga trafega pelos dois, costurando mapas e caminhos com linhas bordadas sobre feltro.

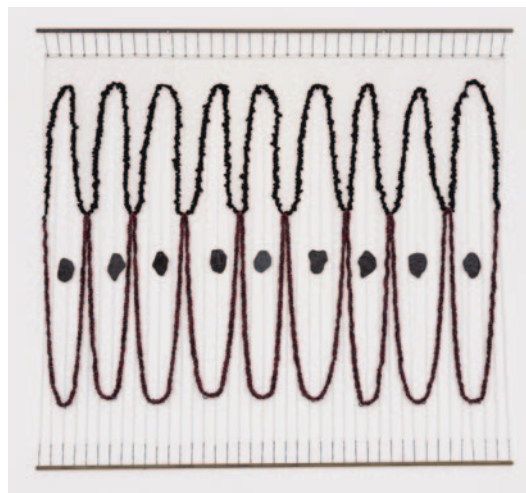
O mesmo interesse em construir uma cartografia pessoal se revela nos trabalhos da peruana Elena Damiani (1979). Arquiteta de formação, seus outros interesses são a geologia e a arqueologia. A artista usa, na peça *Transits and Occultations III* (2021), materiais que trazem uma considerável carga histórica (granito via láctea, travertino e cobre). Retirados de seu meio, eles são recriados numa obra que coloca em discussão aspectos culturais relevantes e criam tensão entre a experiência existencial pessoal e a coletiva.



Elena Damiani, *Transits and Occultations III*, 2021 Foto: Bruno Leão

Utilizando materiais inusitados — chaves, nylon e pregos em *My Mistake II* (2015) —, Vivian Caccuri (1986)

chega a uma obra recente, *Lava transparente II* (2023), com uma escolha ainda mais diversa: barra de latão, tela de proteção, linha encerada, resina acrílica, miçangas e pedras. A paulistana Vivian estabelece com o espectador uma relação que extrapola os limites da experiência ordinária, conjugando visão e audição em sua pesquisa sobre o impacto que as ondas sonoras exercem sobre o corpo. É bastante próxima, nesse sentido, do experimentalismo de Lygia Pape e, em particular, de Anna Maiolino, quando se observa uma obra desta última, como *Mais de 50* (da série *Preposições*, 2008/2013). Uma evidência, entre tantas outras, que liga seus trabalhos a essas artistas históricas.



Vivian Caccuri, *Lava transparente II*, 2023

Foto: Ana Pigosso

*Antonio Gonçalves Filho é crítico, curador e diretor cultural da Galeria Millan, autor dos livros "*A Palavra Náufraga*" e "*Primeira Individual*", ambos publicados pela Cosac Naify.

SURGE ET VENI

Uma nova geração de pintores brasileiros, entre 25 e 34 anos, faz parte do projeto da Millan destinado à valorização de artistas em começo de carreira, alguns inéditos e outros em processo de assimilação pelo mercado. Isso justifica, de certo modo, o título da coletiva – *Surge et veni* – inspirado numa passagem do *Cântico dos cânticos*, retrabalhada musicalmente por Monteverdi, em 1610.

No trecho em questão desse clássico poema de amor, uma jovem é convidada a conhecer os aposentos do rei Salomão. Trabalhadora rural, queimada de sol, a jovem é recebida com pompa e recompensada por sua per-



Beatrice Arraes, *Vento aracati*, 2023

Foto: Ana Pigosso



Bruno Neves, *Bumpin on Sunset*, 2023 Foto: Ana Pigosso



Lucas F. Rubly, *Casa Preta X*, 2023 Foto: Ana Pigosso

sistência. *“Surge, amicea, et veni”* (*“Levante-se, minha amiga, e venha”*).

“Surge”, desde o uso da tradução latina dos textos do Velho Testamento na obra de Monteverdi, incorporou novas metáforas. Em Monteverdi, o termo latino *“surgere”* tem o sentido original da Vulgata, de erguer-se, de ascender. Na mostra, ele entra associado à ascensão de cinco jovens pintores na aurora da vida profissional, nesse estado latente que o latim antigo definia como *“latēre”*, *“estar escondido”*.

Com obras de Beatrice Arraes, Bruno Neves, Lucas F. Rubly, Rayana Rayo e Thiago Hattner, o conjunto demonstra as diferentes soluções e pesquisas no campo pictórico atual. Ora por meio da abstração, ora pela construção de paisagens ou ainda pela captura de fragmentos prosaicos, as pinturas adquirem um caráter metafísico ou existencial. Cada um dos artistas mobiliza seu próprio conjunto de referências e encontra soluções únicas na construção das suas imagens que transitam do introspectivo ao vibrante e visceral.

A fortalezense Beatrice Arraes pesquisa o design popular e incorpora signos gráficos dessa cultura em suas telas. A memória da passagem do tempo é seu eixo temático, o que justifica o apreço pela pintura de Morandi, referência compartilhada com os outros artistas da coletiva.

Bruno Neves, paulistano, dirigiu seu olhar para nomes como Judith Lauand e Mira Schendel, além de nomes históricos do movimento neoconcreto. Sua pintura, embora evocativa, sugerindo uma conexão com a paisagem circundante, é fundamentalmente ancorada na geometria.

O também paulistano Lucas F. Rubly tem como interlocutor histórico o pintor inglês de vistas portuárias Alfred Wallis

(1855-1942), além de Morandi (1890-1964), evocando mesmo o clima das paisagens de Via Fondazza pintadas pelo italiano nos anos 1950.

Rayana Rayo, recifense, produz telas abstratas que, frequentemente, aludem a experiências existenciais. Na exposição, ela mostra seus trabalhos mais recentes, que operam num registro orgânico e visceral.

Finalmente, as pinturas de Thiago Hattner são paisagens construídas com base na memória de lugares – em particular, a estrada que liga São Paulo à sua terra

natal, São José do Rio Preto, rememorada em telas que registram as impressões remanescentes desse deslocamento. Por sua vez, suas telas mais recentes recriam capas de livros de artistas, como a que homenageia o músico e compositor norte-americano John Cage (1912-1992).

SERVIÇO

O Legado Experimental e Surge et veni

Até 24 de fevereiro

Galeria Millan

R. Fradique Coutinho, 1430, Pinheiros, São Paulo / SP

Dias/Horários: seg. a sex., das 10h às 19h

Sáb., das 11h às 15h

Entrada gratuita

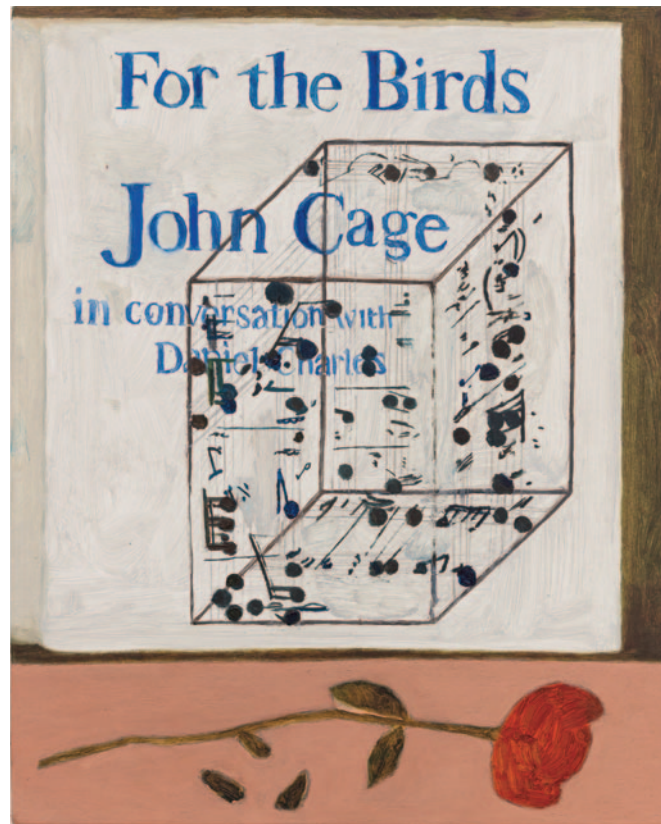
Rayana Rayo, *Autorretrato 8*, 2023

Foto: Ana Pigosso

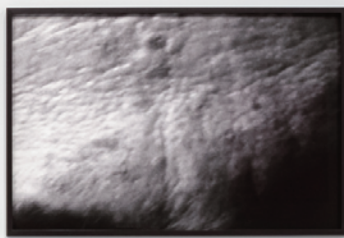
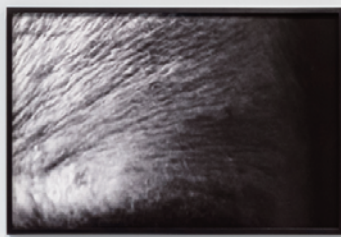
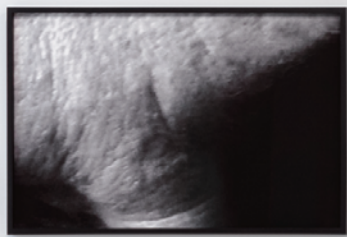


Thiago Hattner, *Sem título*, 2023

Foto: Ana Pigosso



ANNA MARIA MAIOLINO:



Anna Maria Maiolino, *Sem título*, da série *Corpo/Paisagem* – Fotopoemação, 2018

Foto: Edouard Fraiponti

QUERER E NÃO QUERER, DESEJAR E TEMER

Terceira individual de Anna Maria Maiolino na Galeria Luisa Strina, SP, precede a cerimônia de entrega do prestigioso prêmio Leão de Ouro à artista na Bienal de Veneza, em abril. A mostra reúne uma seleção de obras produzidas desde a década de 1990, algumas delas expostas pela primeira vez e outras raramente exibidas



Com desenhos, esculturas, fotografias e vídeo, a exposição é a manifestação de uma obra de caráter rizomático, que se desdobra por uma multiplicidade de meios e de forma não linear ao longo de mais de cinco décadas ao mesmo tempo em que mantém uma notável coerência. As obras foram selecionadas pela própria artista, criando um percurso que atravessa materialidades e temporalidades distintas, estabelecendo nexos entre trabalhos produzidos em diferentes suportes.

Com uma produção calcada na experimentação, Anna Maria Maiolino explora questões ligadas ao fazer como obra, às relações entre sujeito e objeto e a potência criativa do vazio. Tendo imigrado primeiro para a Venezuela e, mais tarde, para o Brasil – e vivido nos Estados Unidos e na Argentina por alguns anos –, Maiolino traz para seu trabalho a experiência de uma identidade fragmentada, bem como o sentimento de perda e deslocamento que acompanham uma vivência diaspórica. As séries são resultado de trabalhos que constituem uma linguagem da proliferação e da diferença, a partir da repetição de gestos primordiais e formas arquetípicas.

As linhas, acumuladas ao longo dos anos no rosto da artista retratado no políptico fotográfico da série *Corpo – Paisagem Fotopoemação*, aparecem nos desenhos da série *Peculiaridades e Ovoides*, como linhas hachuradas que, por sua vez, tomam um corpo tridimensional nos trabalhos em metal fundido da série *Incompletudes*. Essas associações

Anna Maria Maiolino, *Sem título*,
da série *Outras Codificações*, 1999
Foto: Edouard Fraiponti



Anna Maria Maiolino, *Sem título*, da série *Da Terra*, 2014
Foto: Edouard Fraiponti

com a linha são evidentes, ainda, nas formas elementares que compõem a escultura de parede em cerâmica raku, *Linhas e pontos*, obra que ecoa no plano tridimensional a delicada grafia dos desenhos da série *Conta-Gotas*.

Entre os desenhos exibidos, encontra-se um exemplar da série *Codificações matéricas*, descrita da seguinte maneira por Maiolino: “(...) trabalho com a ação consciente das inter-relações matéricas: minhas pulsões, a

tinta e a força da gravidade. A gota de tinta é o agente transformador do papel. Ela escorre, desenha formando linhas saturadas de pigmento. A gota desce a ladeira do papel, atraída pela força da gravidade, enquanto seguro o papel e o movimento firmemente em minhas mãos, como um capitão de navio segura o leme. Os itinerários condensam-se pela tinta em contato com o ar. Um sistema se estabelece – simples e primário. Nestes desenhos trabalho no domínio da força, devido à gravidade e à saturação do peso da tinta em seus percursos. Estes desenhos expressam a materialidade.”

Na série *Aguadas*, a artista utiliza o nanquim sobre o papel totalmente encharcado, o que forçosamente faz com que incorpore o acaso enquanto tenta evitar que a tinta se expanda descontroladamente.

A série *Hilomorfos* empresta seu título da teoria do hilomorfismo aristotélico, segundo a qual todos os seres corpóreos são compostos por matéria e forma, sendo a matéria potência imanente e a forma o ato que transforma a matéria. Segundo essa premissa, as esculturas da série *Hilomorfos* são produto da capacidade de manipulação da matéria. Além dos diversos exemplares desta série, a exposição inclui esculturas das séries *Da Terra*, *Entre o Dentro e o Fora* e *Novos Outros*, em gesso, cimento moldado e alumínio fundido, evidenciando o interesse da artista pela experimentação com materiais distintos.

Em *Querer e não querer, desejar e temer* – cujo título espelha as dualidades presentes na obra da artista,

como o cheio e o vazio; frente e verso; negativo e positivo –, Maiolino oferece ao público um recorte generoso e múltiplo de uma parte significativa de sua extensa obra. Suas escolhas sensíveis e precisas permitem, sem didatismo, que o espectador encontre a partir dos próprios trabalhos algumas das possíveis articulações de uma linguagem aberta e em constante transformação.

SOBRE A ARTISTA

Anna Maria Maiolino, Scalea, Itália, 1942

A obra de Anna Maria Maiolino, uma das principais artistas contemporâneas em atividade, abrange mídias diversas que buscam explorar múltiplas possibilidades de expressão. Perpassando pintura, escultura, performance, instalação, gravura e desenho, especula densamente sobre temas como a identidade, a linguagem e

Anna Maria Maiolino, *Sem título*, da série *Entre o Dentro e o Fora*, 2012

Foto: Edouard Fraiponti



o corpo. Ao longo de sua carreira, a artista desenvolve uma abordagem que combina o pessoal e o político, o íntimo e o coletivo, criando contextos que, mesmo abertos à interpretação, são impregnados de uma carga sensível e evocativa.

Anna Maria Maiolino vive e trabalha em São Paulo. Entre 1958 e 1960 mudou-se para Caracas, Venezuela, onde estudou na *Escuela de Artes Plásticas Cristóbal Rojas*. Já no Brasil, em 1961, realizou o curso de gravura em madeira na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Entre 1968 e 1971, estudou no *International Pratt Graphic Center*, em Nova York, EUA.

À sombra da ditadura civil-militar brasileira, os experimentos de Maiolino na década de 1960 a conectaram a movimentos determinantes da história da arte do país, como as chamadas *Nova Figuração* e *Nova Objetividade*, importantes momentos de inflexão do sistema de arte brasileiro. A partir da década de 1980, inicia sua pesquisa com a materialidade e a gestualidade, que vem se desenvolvendo em um processo experimental contínuo e interligado.

Este abril, Maiolino participará da Bienal de Veneza, onde irá receber o *Leão de Ouro* pelo conjunto da obra. Dentre suas exposições individuais recentes, destacam-se: *Pssssiiuuu...*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, e Fundación Malba, Buenos Aires, Argentina (2022); *In the sky I am one and many and as a human I am everything and nothing*, Kunsthaus Baselland, Muttentz, Suíça (2021); *Por um fio / By a Thread*, SCAD Museum

of Art, Savannah, EUA (2020); *Em Tudo – Todo*, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2019); *O amor se faz revolucionário*, PAC Padiglione d'Arte Contemporanea, Milão, Itália, e *White Chapel Gallery*, Londres, Reino Unido (2019); *Errância Poética*, Hauser & Wirth, Nova York, EUA (2018); *Anna Maria Maiolino*, MoCA, Los Angeles, EUA (2017); *Ponto a Ponto*, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2014); *Anna Maria Maiolino*. Matrix 252, Berkeley

Anna Maria Maiolino, *Sem título*, da série *Cobrinhas*, 2014
Foto: Edouard Fraiponti



Art Museum and Pacific Film Archive – University of California, Berkeley, EUA (2014); *Afecções: Prêmio MASP Mercedes-Benz*, MASP, São Paulo (2012); *Anna Maria Maiolino*, Fundação Antoni Tàpies, Barcelona, Espanha, Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, Espanha, e *Malmö Kunsthalle*, Suécia (2010-2011); entre outras.

Nomeada *Honorary Doctor* em 2022 pela *University of the Arts*, London, Reino Unido, Maiolino foi contemplada com diversos prêmios ao longo de sua carreira, como *Prêmio Clarival do Prado Valladares* (Artista pela trajetória), *ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte* (2018); *Prêmio MASP Mercedes-Benz* (2012); *Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes* (1994); entre outros. Sua obra integra importantes

coleções ao redor do mundo, dentre as quais destacam-se MoMA, Nova York, EUA; Tate Modern, Londres, Reino Unido; Centre Georges Pompidou, Paris, França; MoCA, Los Angeles, EUA; MASP, São Paulo; Fundación Malba, Buenos Aires, Argentina; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha; Pinacoteca de São Paulo; e Galleria Nazionale di Roma, Itália.

SERVIÇO

Anna Maria Maiolino:

Querer e não querer, desejar e temer

Abertura: 3 de fevereiro, sábado, das 10h às 17h

Visitação: de 5 de fevereiro a 16 de março

Galeria Luísa Strina

Rua Padre João Manuel, 755, Jardins, São Paulo / SP

Dias/Horários:

seg. a sex., das 10h às 19h; sáb. das 10h às 17h

Anna Maria Maiolino

Foto: Lívia Gonzaga



Lugar de estar: o legado Burle Marx

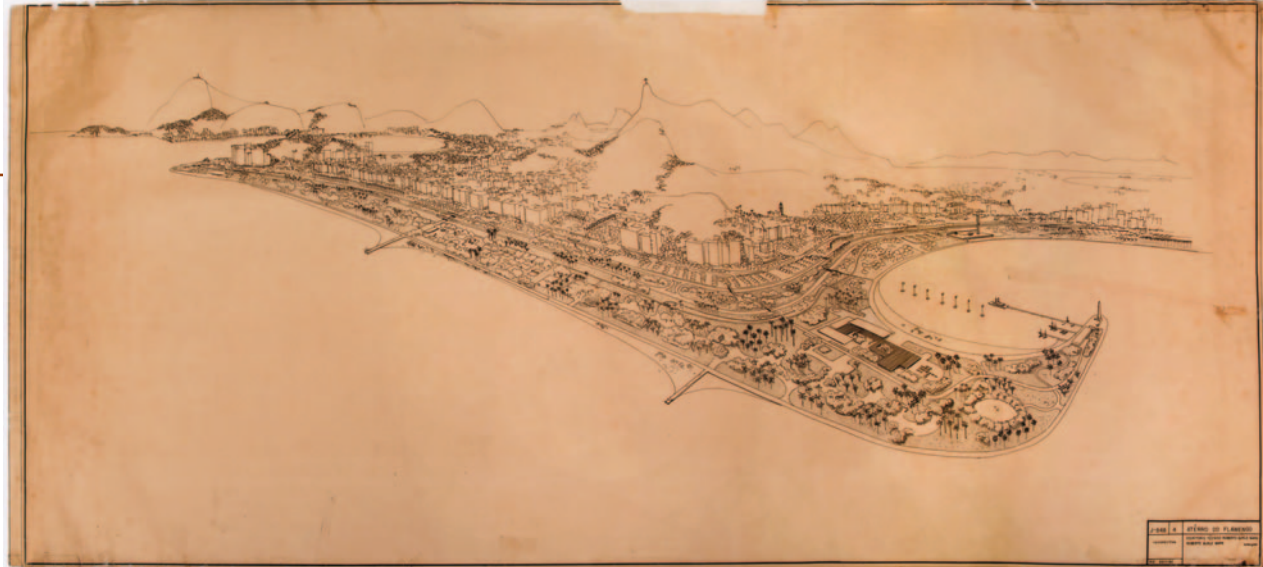


Terreiro de Jesus
Salvador B.A. 1952

Roberto Burle Marx, *Praça 15 de novembro, Terreiro de Jesus*, 1952

Foto: Rafael Adorján - Acervo Instituto Burle Marx

Instituto Burle Marx e MAM Rio renovam olhar sobre o legado do paisagista com exposição inédita que discute temas contemporâneos a partir de 22 projetos. João Modé, Luiz Zerbini, Maria Laet, Mario Lopes, Rosana Paulino e Yacunã Tuxá foram convidados a pensar questões sugeridas pelo trabalho de Burle Marx



Burle Marx Cia. Ltda, *Parque do Flamengo*

Foto: Rafael Adorján - Acervo Instituto Burle Marx

A curadoria conjunta de Beatriz Lemos, curadora-chefe do MAM Rio, Isabela Ono, diretora-executiva do Instituto Burle Marx, e Pablo Lafuente, diretor artístico do museu carioca, propõe novas leituras sobre o acervo documental do trabalho de Roberto Burle Marx (1909-1994) e de seus colaboradores, no escritório onde foram concebidos mais de dois mil projetos paisagísticos entre os anos 1930 e 1990.

"Organizamos uma exposição que parte do trabalho do Escritório Burle Marx e nos incita a pensar questões que afetam o presente e futuro de nossas cidades e dos espaços que compartilhamos", informa Pablo Lafuente. O direito à cidade, o ativismo ambiental, a sociabilidade nos espaços públicos e as espécies botânicas como patrimônio são temas abarcados pelo legado Burle Marx a partir da década de 1930, que emergem do acervo salvaguardado pelo Instituto desde a sua criação, em 2019.

"São sete décadas de contribuição para a sociedade, discutindo sobre as cidades, a relação entre seres humanos e natureza, a importância dos espaços democráticos de convívio social e bem viver", afirma Isabela Ono.

Segundo Beatriz Lemos, a exposição propõe um olhar contemporâneo *"que tem no Parque do Flamengo o mote conceitual que nos leva a outros projetos no Rio de Janeiro, no Brasil e no exterior. Nos interessa pensar como esses espaços foram ressignificados ao longo do tempo"*.

Paisagista, artista multifacetado e nome incontornável do modernismo brasileiro, Roberto Burle Marx foi autor do projeto dos jardins do MAM Rio, instituição onde acontece a terceira exposição do Instituto. Para ampliar o diálogo sobre o acervo, composto por cerca de 150 mil itens, o discurso curatorial partiu dos temas que surgem de 22 projetos do paisagista e sua equipe.

Em mil metros quadrados de área expositiva, a narrativa se constrói a partir de projetos que pensavam cidades, estudos, croquis, desenhos, fotografias e recortes de jornal somados às obras dos artistas convidados: João Modé, Luiz Zerbini, Maria Laet, Mario Lopes, Rosana Paulino e Yacunã Tuxá. Os seis foram instigados a reverberar o legado Burle Marx por meio de trabalhos produzidos especialmente para a mostra ou já existentes.



Luiz Zerbini, *Burle Marx 1*, 2023

Foto: Divulgação



Rosana Paulino, *Série Jatobá*, 2019

Foto: Divulgação

"A ideia é que esses artistas nos ajudem a explorar temáticas levantadas a partir do diálogo com o acervo", comenta Lemos. A curadoria destaca a relevância de reunir um grupo de gerações, origens e práticas distintas. "É uma amostra dos diferentes caminhos que a obra de Burle Marx faz possíveis", sintetiza Pablo Lafuente.

A EXPOSIÇÃO

Lugar de estar: o legado Burle Marx reúne cerca de 100 itens, em uma expografia que remete aos *"lugares de estar"* criados como espaços públicos pelo paisagista e seus colaboradores, com áreas de contemplação, encontro, experimentação e simplesmente de estar. A mostra conta também com entrevistas em vídeo – algumas do acervo e outras gravadas para a ocasião, com depoimentos dos colaboradores sobre a experiência de trabalho no Escritório.

Usar a memória oral na exposição foi uma forma de destacar o caráter coletivo e colaborativo do legado Burle Marx, segundo Isabela: *"Ao longo de sua história, o Escritório Burle Marx teve o compromisso ético-estético de pensar a coletividade ao construir esses espaços públicos e democráticos. Do croqui ao projeto, até o jardim executado, refletem um desejo de utopias de cidades mais verdes e plurais"*.

UM PARQUE DENTRO DO MUSEU

O Parque do Flamengo, onde está localizado o edifício do MAM Rio, é o ponto de partida que inspirou a exploração de outros projetos que foram idealizados no Brasil, para os estados do Rio de Janeiro, Paraíba, Bahia, Pernambuco, São Paulo e Brasília; e na Venezuela, na cidade de Caracas.

Em relação ao Rio, a exposição questiona o direito à cidade ao evidenciar que a maior parte dos projetos não executados, como o Parque Moça Bonita, em Bangu, ou parcialmente executados, como o Parque da Maré, às margens da Avenida Brasil, estavam fora do eixo Zona Sul, área nobre da cidade.

Para Isabela Ono, falar sobre projetos concebidos para outros territórios têm relevância do ponto de vista curatorial: *"É importante refletir sobre esses espaços de acesso coletivo nas cidades, e pensar o que determinou as escolhas e execução a partir de determinados contextos históricos e localização. E como, neste processo de construção de cidades, alguns jardins continuam vivos, enquanto outros nem saíram do papel ou foram abandonados"*.

O Parque do Flamengo é um referencial para pensar a ideia de construção do Rio de Janeiro e refletir sobre quem usufrui das áreas públicas. *"A exposição fala do direito à cidade a partir também dessas escolhas de projetos executados e não executados, indicando o porquê disso, quais os critérios e os contextos dessas escolhas"*, afirma Beatriz Lemos.

Em diálogo com esse tema, está a obra comissionada de Mario Lopes, artista e coreógrafo paulistano que se define como uma presença afrotranstópica. Desde 2009,



Burle Marx, *Croqui Parque do Derby, Recife*

Foto: Divulgação



Maria Laet,
Terra (Jardim \Burle Marx, MAM Rio),
Foto: Andrea Capella
e João Laet

trabalha como articulador cultural com foco na promoção e circulação de obras e projetos que buscam transformações sociais. Para a exposição *Lugar de estar*, produziu sete vídeos com performances de dança, em colaboração com outros bailarinos, captadas em espaços concebidos por Burle Marx e seus colaboradores na cidade do Rio de Janeiro, como Largo da Carioca, Praia de Copacabana e Parque da Maré.

A artista e ativista indígena Yacunã Tuxá, de Rodelas, sertão da Bahia, trabalha com a criação de figuras indígenas, principalmente mulheres, em diversos contextos de trabalho, localidade e relações, e recebeu o convite para pensar uma obra a partir do legado de Burle Marx e a paisagem construída do Parque do Flamengo. Em uma pintura com galhos e peças em cerâmica, a artista aborda os processos de enraizamento e semeadura, e recria seu bioma de origem, a caatinga brasileira, para refletir sobre os lugares de lazer que nos acolhem.

Sua obra faz uma ponte com as viagens de pesquisa (excursões) realizadas nos biomas nacionais por Burle Marx e colaboradores, que tinham como objetivo es-

tudar as paisagens naturais brasileiras, atentos às espécies vegetais nativas com potencial ornamental, que se tornariam elementos para construção de novas paisagens através de seus projetos.

Os espaços públicos vão ser discutidos a partir dos seus usos como lugares de encontro, lazer e fruição estética, além da sua preservação como patrimônio. "*A mostra traz uma perspectiva física e simbólica desses espaços, e reflete sobre o que representam e como são ressignificados ao longo do tempo*", analisa Beatriz.

Três obras da carioca Maria Laet abordam o encontro da artista com o jardim do MAM Rio. Um díptico de vídeos, uma instalação e fotografias dialogam com o Jardim de Pedras, partindo de composições geométricas e abstratas, semelhantes àquelas encontradas nos projetos paisagísticos de Burle Marx. Nos vídeos, Laet constrói uma conversa com as pedras e elásticos, explorando gestos manuais de negociações e limites. Na instalação, as pequenas rochas surgem reposicionadas em folhas de papel e desenhos, sobre uma mesa. Por fim, o registro de uma ação realizada no jardim, em

frente ao museu, em que a artista literalmente costura a terra para criar uma conversa poética.

O *Projeto Moderno*, que alia a arquitetura ao paisagismo, é explorado através de projetos como o do MAM, no Flamengo; do Palácio Capanema, antigo Ministério da Educação e Saúde, no Centro; do Complexo Pedregulho, em São Cristóvão; e da Praça do Teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes.

"Esses projetos consideravam o espaço externo também como conceito de arquitetura. A partir dessas

obras históricas, podemos refletir sobre a proposta de construção de um país moderno e a resignificação desse pensamento para inspirar a construção de novas cidades, mais plurais, verdes e democráticas", reflete Beatriz. E Isabela destaca: *"Fica muito claro nesses projetos a generosidade daquela geração modernista de criar espaços onde a relação externa e interna se equaciona de forma potente, complementar e harmônica"*.

Essa relação entre espaço interno e externo é evidenciada pelo artista carioca João Modé, na instalação *"Land"*, que constrói uma pequena floresta dentro do



Roberto Burle Marx, *Ministério da Educação e Saúde (MES), Jardim do terraço em guache*, s.d.

Foto: Sergio Guerini - Acervo Instituto Burle Marx

museu. Instaurado no foyer, o trabalho dialoga com a área externa do edifício e propõe uma associação entre arquitetura e plantas, convidando o público à interatividade.

O legado Burle Marx na botânica também é celebrado, com registros que documentam as viagens de pesquisa feitas pelo paisagista e sua equipe pelo Brasil, excursões que contribuíram para a ciência ao promover a catalogação de mais de 50 espécies não registradas à época, e ao identificar plantas em risco de extinção. Dialogam com esse inventário de espécies os artistas Rosana Paulino, com obras de 2019, e Luiz Zerbini, com uma nova série de monotípias.

Os desenhos da série *Senhoras das plantas* (2019), da artista visual paulistana Rosana Paulino, retratam corpos femininos entrelaçados com raízes e plantas. *"A presença da obra de Rosana nos ajuda a compor imagens em que os vínculos entre humanos e plantas não passam pelo crivo da hierarquia ou exploração, mas sim da troca"*, diz Beatriz Lemos.

Já Luiz Zerbini foi convidado para o diálogo com o legado a partir de seu trabalho com monotípias criadas com plantas e árvores. As gravuras e suas matrizes vegetais trazem detalhes, texturas, cores e a materialidade de espécies vegetais coletadas pelo próprio artista durante uma visita ao Sítio Burle Marx.

Por fim, um painel mostra o ativismo de Burle Marx acerca das questões ambientais e climáticas. *"Nos anos 60 ele já falava sobre a crise climática. Era uma voz*

pública, engajada e crítica numa época em que não se falava muito sobre o assunto", afirma Pablo Lafuente. Isabela Ono relembra o posicionamento de Burle Marx, inclusive registrado nos jornais da época e nas suas participações no Conselho Nacional de Cultura, principalmente entre os anos 1960 e 1970, em que enfatiza os danos do "dito" progresso nacional da abertura das rodovias Rio-Santos e Transamazônica, em plena ditadura militar, já em tom de denúncia e alerta.

SERVIÇO

Lugar de Estar: O Legado Burle Marx

Até 26 de maio

MAM Rio

Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo,
Rio de Janeiro / RJ – Tel: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/>

Dias/Horários:

De quarta a domingo (incluindo feriados), das 10h às 18h

Aos domingos, das 10h às 11h, visita exclusiva para
pessoas com deficiência intelectual

Ingressos:

Contribuição sugerida, com opção de acesso gratuito

Valores sugeridos:

Adultos: R\$ 20 | Crianças, estudantes e +60: R\$ 10

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos

Burle Marx, *Parque Zoobotânico de Brasília - Flora do Cerrado*

Foto: Divulgação





Louis Guillaume, *Synchretismo 3*

Foto: Fábio Alt

SYNCHRETISMO, do francês Louis Guillaume, no Paço Municipal Porto Alegre

*A mostra, que abre a temporada anual do espaço,
é resultado da residência artística promovida pela Aliança Francesa e Fundação Iberê*



Louis Guillaume, *Synchretismo 4*

Foto: Fábio Alt



Louis Guillaume

Foto: Tiago Bortolini

Louis Guillaume passou 45 dias hospedado na casa-ateliê que pertenceu ao pintor Iberê Camargo, no bairro Nonoai, em Porto Alegre. Com orientação do artista Eduardo Haesbaert, que foi impressor de Iberê, Guillaume utilizou elementos naturais encontrados na orla do Guaíba e em sua rápida passagem pela cidade de Mostardas, a 175 km de distância da Capital, para produzir as obras desta mostra.

“Graças ao trabalho no Ateliê de Gravura da Fundação Iberê, ao lado de Eduardo Haesbaert, eu pude, finalmente, superar a relação de intenção e de representação com o desenho para uma abordagem mais física, na qual o corpo está envolvido – levando o trabalho inevitavelmente à abstração. Essas folhas de papel foram trabalhadas no chão como uma pele curtida; delas, retirou-se qualquer forma de nobreza, procurando revelar a fragilidade e a descamação do papel, sua singularidade e vitalidade”, afirma o artista.

Guillaume faz questão de destacar ainda os registros que resultaram das intervenções realizadas: *“As folhas de papel conheceram a chuva, o sol, o fogo, como se fossem as experiências de uma vida inteira ou, talvez, de suas origens reconstituídas. Muitas vezes inconcebíveis, os efeitos dos materiais que aparecem estimulam a imaginação e estabelecem a conexão que me faltava entre a pintura e a escultura”, conclui.*

Aos 28 anos, Louis Guillaume (FR) vive e trabalha em La Rochelle. Formado em Belas Artes pela *École Européenne Supérieure d’Art de Bretagne* (EESAB-Rennes), tem sua prática ligada à natureza e às estações, resultando em instalações orgânicas produzidas com materiais recolhidos do espaço urbano.

Em 2022, Guillaume venceu o Prêmio *Mondes Nouveaux*, oferecido pelo Ministério da Cultura francês. No mesmo ano, realizou uma residência artística de dois meses em Manilla, nas Filipinas, por meio da parceria entre a Aliança Francesa de Manilla, o *Centre Intermondes* e a cidade de La Rochelle.

A residência cruzada acontece no âmbito do 6º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea, que também selecionou a artista brasileira Camila Proto, de 27 anos, para uma residência artística no *Centre Intermondes* de La Rochelle.

SERVIÇO

Synchretismo – Louis Guillaume (FR)

Até 8 de março

Paço Municipal de Porto Alegre

Sala Aldo Locatelli

Praça Montevideo, 10, Centro Histórico, Porto Alegre / RS

Dias/Horários:

de segunda a sexta, das 9h às 17h

Entrada franca

"MULHERES DO ALÉM-MAR" em exposição na capital catarinense



Nilva Damian

Foto: Dois Clicks Fotografias

Exposição fotográfica de Sandra Puente e Nilva Damian propõe a valorização das mulheres de origem açoriana. A mostra fica em cartaz até 29 de fevereiro na Biblioteca Pública de SC, em Florianópolis

Com imagens clicadas por Sandra Puente e Nilva Damian, "*Mulheres do Além-Mar*" destaca a importância e a valorização do papel feminino exercido pelas açorianas que participaram ativamente da história da colonização do litoral catarinense. A presença marcante dessas mulheres permanece com as suas descendentes, guardiãs da cultura, através de suas práticas – como pescadoras, ou rendeiras ou rezadeiras, entre tantas outras atividades. A tradição e os costumes continuam sendo passados de mãe para filha, numa permanente determinação de manter alicerçada a ponte entre o passado, os dias atuais e até o que está por vir.

A mostra também desempenha um papel importante de acessibilidade às pessoas com deficiência visual, através de imagens impressas em alto relevo e texto escrito em braille, contendo a descrição das imagens e uma resenha da exposição que convida o público em geral, além dos deficientes visuais, a apreciar o papel feminino na cultura açoriana presente no litoral do estado, valorizando o sentimento de pertencimento e inclusão da população da Ilha de Santa Catarina à cultura Luso-Brasileira.

Vinte fotografias compõem a exposição: 10 imagens impressas em papel fotográfico Hahnemuhle de 40cm x 60cm e moldura, e outras 10 impressas em Lithophane (3D em alto relevo), com 21cm x 15cm, além de textos transcritos em braille e acessibilidade às pessoas com deficiência auditiva.

AS FOTÓGRAFAS

Sandra Puente e Nilva Damian são fotógrafas profissionais há mais de duas décadas. Em 2017 criaram a Dois Clicks Fotografias, onde dedicam-se a trabalhos nas áreas de arte, moda, arquitetura e publicidade. Atendem a empresas e também realizam projetos autorais, incluindo exposições e publicações de livros, como o "*Ostras coisas do Mar*", lançado em 2019.

SERVIÇO

IMS Paulista

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2842-9120

Horário de funcionamento:

terça a domingo e feriados (exceto segundas),
das 10h às 20h

Entrada gratuita



Sandra Puente

Foto:
Dois Clicks Fotografias

NEWTON MESQUITA

no Museu de Arte Brasileira da FAAP, SP

*Com 82 pinturas, Desígnio apresenta panorama da trajetória do artista.
A curadoria é assinada por Fábio Magalhães*



Newton Mesquita, *Tarde*, 2020

Foto: Divulgação

Um amplo panorama dos mais de 50 anos de carreira de Newton Mesquita será exibido a partir do dia 7, no Museu de Arte Brasileira da FAAP. No salão de abertura da mostra haverá um espaço expográfico reproduzindo o atelier do artista, onde o público poderá acompanhar a execução de uma obra inédita, em datas a serem definidas.

A mostra é a 56ª individual do artista que começou a ter reconhecimento entre as décadas de 1960-1970. “A

sua arte tem um caráter de figuração de matriz fotográfica e incorpora elementos da abstração”, afirma o curador Fábio Magalhães, ao ressaltar que Newton Mesquita “é um artista da luz”, opinião também compartilhada com Fernanda Celidonio, diretora administrativa do MAB FAAP: “Newton pinta com paixão, intuição e descontração. Na verdade o que guia Newton é a luz. As cenas só existem para que ele possa expressar a luz que vê. A luz e suas sombras, igualmente importantes em sua obra”.

SÃO PAULO COMO INSPIRAÇÃO

A capital paulista é uma das maiores inspirações do artista, a partir das influências de seu pai, fotógrafo amador que tinha um laboratório em casa. *“As minhas lembranças se confundem com as fotos dele”*, conta Newton. Entre as obras mais recentes apresentadas na exposição, estão algumas pinturas de 2023, como *É de manhã, Ibirapuera, Noite no Ibirapuera, Onírico, Praça da Sé, Pipoqueiro no Parquinho e Santa Ifigênia*.

É na referência fotográfica e nas suas andanças pela cidade, sobretudo pelo centro, que a sua obra se de-

envolve. *“Com 14 anos eu era office boy no centro de São Paulo e andava muito por ali”*. Foi nessa mesma época, em 1965, que ele recebeu a primeira encomenda: uma série de quadros para um restaurante chamado La Boheme, no Brás, bairro onde grande parte da colônia italiana aportou, e onde a família do artista morou. Newton Mesquita estudou arquitetura na Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes, e frequentava o atelier de Aldemir Martins, uma de suas referências brasileiras. Foi também muito próximo de outros artistas como Carlos Scliar, Tikashi Fukushima, Manabu Mabe e Darcy Penteado.



Newton Mesquita, *Ibirapuera*, 2023

Foto: Divulgação



Newton Mesquita,
Beauty (pentimento),
2020

Foto: Divulgação

“Newton Mesquita é um cronista da vida urbana, do seu cotidiano nos grandes espaços abertos e, também da intimidade, dos espaços protegidos. Seu olhar (olhar de fora) é capaz de penetrar na essência dos ambientes e de seus personagens como um voyeur anônimo – aquele que vê! Isto é, aquele que participa pelo que vê. Não obstante, sua pintura expressa um olhar que perscruta, que procura conhecer e adentrar no sentido das coisas e das pessoas. As cenas de praças, ruas e fachadas e de seus personagens, quase sempre solitários, sugerem aparente simplicidade, no entanto, o artista incorpora elementos plásticos que nos conduz a abordagens intensas e complexas”, arremata Fábio Magalhães.

SOBRE NEWTON MESQUITA

Nasceu em São Paulo em 1949, formou-se em arquitetura em 1977. Participa de mostras coletivas e salões oficiais desde 1972. Possui obras em importantes coleções no Brasil e no exterior e em museus como MASP Museu de Arte de São Paulo-SP; MAB Museu de Arte Brasileira – São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo; MAM Museu de Arte Moderna – São Paulo;

Museu Salvador Allende – Santiago, Chile; Galeria Degli Uffizze – Florença, Itália.

SOBRE O MAB FAAP

O Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) possui um acervo próprio com mais de três mil obras de arte. Em 2016, criou a Coleção Moda-MAB que reúne vestimentas, bonecas e acessórios de estilistas contemporâneos brasileiros, fortalecendo o vínculo entre o museu e a moda, que desde 1989 esteve presente por meio de desfiles e exposições vinculadas ao tema.

SERVIÇO

Desígnio, de Newton Mesquita

Abertura: 6 de fevereiro, terça-feira, 19h (para convidados)

Período expositivo: 7 de fevereiro a 31 de março

MAB FAAP

Rua Alagoas, 903, Higienópolis, São Paulo / SP

Horário de funcionamento:

todos os dias, exceto às terças-feiras (fechado, mesmo aos feriados). Funcionamento das 10h às 18h, com última entrada às 17h30

Entrada gratuita



COREOGRAFIAS DO IMPOSSÍVEL

MAM Rio
recebe
a primeira
itinerância
da 35^a Bienal
de São Paulo

Já em sua sétima edição, o programa de mostras itinerantes da Bienal de São Paulo leva recortes da exposição no ano seguinte ao de sua realização para cidades do Brasil e exterior. Em 2024, a primeira parada acontece no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), para onde os curadores Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel conceberam um recorte especial da mostra, adaptado às características e ao contexto da cidade.

Dos 121 participantes presentes no Pavilhão da Bienal em São Paulo, 19 estão no Rio de Janeiro. Segundo os curadores, a seleção



Foto: Divulgação



oferece um panorama do que foi visto na capital paulista: *“É um recorte da exposição que traz aspectos importantes da 35ª Bienal de São Paulo. É um exercício desafiador, mas igualmente interessante, recortar uma exposição tão complexa e monumental, ainda mais pensando no contexto do Rio de Janeiro, uma cidade que tem tantos atravessamentos com as urgências contemporâneas e belezas que as coreografias do impossível trazem consigo”*.

Andrea Pinheiro, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, expressa seu entusiasmo em relação a esse novo capítulo, dado que a primeira itinerância da exposição é, também, sua primeira exposição no cargo de presidente: *“Iniciar pela cidade do Rio é uma alegria e um desafio. Em uma metrópole onde o cenário cultural é tão rico e singular, levar esta mostra que aborda nossas principais urgências contemporâneas, e que se comunicou de maneira tão direta com o público, representa uma grande conquista para a Fundação Bienal”*.

“No Rio, o MAM é o pouso natural para a itinerância de uma edição da Bienal que abraça e reflete as urgências do mundo. Para nós, é um prazer e uma honra receber as ‘coreografias do impossível’”, celebra Paulo Vieira, diretor-executivo do museu.

Para Pablo Lafuente, diretor artístico, a exposição reativa a colaboração que as duas instituições desenvolveram

desde os anos 1950, quando os artistas premiados na Bienal de São Paulo eram mostrados em sequência no MAM no Rio de Janeiro. *“E, como aconteceu historicamente, ao deslocar as obras é possível não só disponibilizá-las para novos públicos, mas também testar outros argumentos desde a curadoria e a mediação.”*

Fazem parte da mostra no MAM Rio obras de 19 artistas: Citra Sasmita, Edgar Calel, Emanuel Araujo, Katherine Dunham, Leilah Weinraub, Luiz de Abreu, M’barek Bouhchichi, Malinche, Marilyn Boror Bor, Maya Deren, Min Tanaka e François Pain, Quilombo Cafundó, Rosana Paulino, Santu Mofokeng, Simone Leigh e Madeleine Hunt-Ehrlich, The Living and the Dead Ensemble, Torkwase Dyson, Xica Manicongo e Zumví Arquivo Afro Fotográfico.

SERVIÇO

35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível Itinerância MAM Rio

Até 7 de abril

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM Rio
Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo,
Rio de Janeiro / RJ

Entrada com contribuição voluntária

Dias/Horários: de quarta a sábado, das 10h às 18h;
domingos das 11h às 18h;

feriados (exceto aos domingos), das 10h às 18h

Horário exclusivo para visita de pessoas com deficiência intelectual, pessoas autistas ou com algum tipo de hipersensibilidade a estímulos visuais ou sonoros: dom, das 10h às 11h



Divã Free Floating Attention Piece by Santiago Borja, 2010

Freud e as raízes da psicanálise na América Latina

Maria Hermínia Donato

Num sábado cinzento fui visitar a exposição *Freud e América Latina*, no Museu Freud, em Hampstead, bairro londrino reconhecido como o berço da psicanálise. Foi lá que Freud se refugiou em 1938, quando fugiu da perseguição nazista em Viena, estabelecendo

sua prática na Rua Maresfield Gardens, transformada em casa-museu desde 1986.

A exposição, meticulosamente montada, mergulha nas raízes da psicanálise na Argentina, Brasil, Chile, México

e Peru, revelando conexões entre a vida de Freud e a América Latina, um desafio à perspectiva eurocêntrica da psicanálise.

Surpreendentemente, um terço dos visitantes do museu são brasileiros e argentinos, embora as cidades associadas a Freud e à psicanálise sejam Paris, Viena, Londres e Nova York. No entanto, Buenos Aires tem o maior número per capita de psicanalistas e São Paulo abraça uma cultura terapêutica vibrante.

Na década de 1930, a psicanálise já se difundia em muitas cidades latino-americanas, antecipando a formação das primeiras associações psicanalíticas nas décadas de 1940 e 1950. Figuras como os psiquiatras brasileiros Gastão Pereira da Silva e Juliano Moreira, e o filósofo peruano Honorio Delgado, entre outros, foram pilares na disseminação das ideias de Freud na região.

Apesar do tamanho modesto da exposição, ela despertou em mim uma curiosidade profunda e o desejo de saber mais sobre o Freudianismo na América Latina. Como valeu a pena!

Considereei uma verdadeira joia da exposição o programa da rádio nacional do Rio de Janeiro, *“No Mundo dos Sonhos”* (1947), que levou a psicanálise pela interpretação dos sonhos às massas. Os sonhos dos ouvintes eram representados por atores e interpretados ao vivo pelo médico Gastão Pereira da Silva. Quem diria que o Brasil teve seu “Frasier Crane” (psicanalista freudiano da comédia seminal americana dos anos 90) meio século antes com um Frasier psicanalista na vida real.



Grete Stern, *Sueño Nro 35*, 1949

Fotos: The Estate of Grete Stern, Courtesy of Galeria Jorge Mara - La Ruche



Nas culturas latino-americanas, as interpretações dos sonhos ganharam uma importância significativa. Na década de 1930, o *El Diálogo*, jornal popular de Buenos Aires, convidava os leitores a enviar narrativas de seus sonhos que eram analisadas por um personagem chamado *Freudiano*.

Idílio, revista Argentina, criou uma seção chamada *A psicanálise vai ajudar você*. Lá, os sonhos eram analisados pelo pseudônimo coletivo *Richard Rest* (Gino Germani sociólogo e Enrique Butelman psicólogo) e ilustrados como fotomontagens criadas pela fotógrafa Grete Stern, uma das pioneiras da fotografia moderna em seu país. Ela estudou na famosa Escola Bauhaus, Alemanha, e se destacou como influente presença artística na Argentina entre 1935 e 1981 por sua abordagem não convencional à fotografia, com colagens publicitárias e estudos inovadores. Seus trabalhos podem ser vistos como intervenções estéticas, políticas e feministas, numa época onde restrições dominavam as práticas artísticas.



Idílio, 18 July 1950

Foto: Facundo de Zuviria

Duas xilogravuras de José Francisco Borges (1935, Bezerros, Pernambuco), conhecido J. Borges, artista, cor-de-lista e poeta brasileiro, fazem parte da mostra. Com o mesmo título – “A Psicanalista” – os dois trabalhos mostram como o inconsciente emerge na sessão analítica representado por palavras como superstição, ciúme, impotência e símbolos visuais: garrafa, cruz, revólver.



José Borges, *O Psicanalista*, 2020

Foto: Coleção particular

As gravuras de J. Borges são exibidas em diversos países da Europa e América Latina, assim como nos Estados Unidos, em museus e galerias. Em 2002, o artista recebeu o prêmio da UNESCO na categoria Ação Educativa/Cultural e foi escolhido para ilustrar o calendário anual das Nações Unidas, onde sua xilogravura “*Vida na Floresta*” abre o ano. Declarado *Patrimônio Vivo* pelo Estado de Pernambuco, ilustrou vários livros, entre eles, “*Palavras Andantes*” de Eduardo Galeano e “*O Lagarto*” de José Saramago.

O DIVÃ

Em 2010, o artista Santiago Borja realizou uma intervenção no estúdio de Freud, onde se encontra o famoso



Freud Museu

Foto: K. Urbaniak

divã psicanalítico, presente de uma de suas pacientes, Madame Benvenisti. O artista cobriu a peça com tecidos e almofadas feitos por mulheres da comunidade mexicana Wixariki, ou Huichol, no centro do México – comunidade que resistiu ao catolicismo, mantendo a tradição de mapas mentais que refletiam sonhos e visões. Com um gesto simbólico, o trabalho explora como as ideias de Freud se aplicam globalmente, usando o divã como uma metáfora rica em significados. Nascido no México em 1970, Borja justapõe arte, antropologia e arquitetura em suas instalações, conectando tradições culturais e arte contemporânea de maneira única.

O MUSEU

O *Freud Museu* é um museu bibliográfico, inaugurado em 1986 por Anna Freud, filha caçula do psicanalista,

que viveu na casa, em Hampstead, durante 44 anos (a partir de junho de 1938, quando a família se estabeleceu em Londres, fugindo da Viena ocupada pelos nazistas), onde também desenvolveu um trabalho psicanalítico, especialmente com crianças.

Dois anos antes de sua morte, em 1982, Anna fundou uma instituição de caridade e doou a casa para a criação de um museu dedicado à vida e obra de seu pai. O escritório de Freud mantém as características originais.

SERVIÇO

Freud e América Latina

Até 14 de julho

Museu Freud

20 Maresfield Gardens

Hampstead, London NW3 5SX

<https://www.freud.org.uk/exhibitions/freud-and-latin-america/>

Sentir Mundo – Uma jornada imersiva



Foto: Divulgação

*Mostra multissensorial no MUSEU DO AMANHÃ, Rio de Janeiro,
leva o público a um passeio pelas florestas, pelo solo e pela dança dos insetos
com estímulos olfativos, táteis, visuais e sonoros*

Como as formigas enxergam o mundo? E os insetos voadores? Qual será a perspectiva de cada um deles? O Museu do Amanhã convida o público para experimentar essas sensações e para se aproximar de diferentes espécies na exposição *“Sentir Mundo – Uma Jornada Imersiva”*. Através de projeções em alta definição, sons característicos e estímulos olfativos, um recorte do projeto idealizado e desenvolvido pelo *Sensory Odyssey Studio*, em coprodução com o *Muséum National d’Histoire Naturelle*, leva os visitantes a um passeio por três áreas temáticas: no dossel da floresta, por dentro do solo e a dança dos insetos.

Ao entrar em *“Sentir Mundo”*, o público dá um salto para o inesperado e pode usar a curiosidade como bússola para explorar as características da floresta, do solo e da vida dos insetos. Os visitantes são surpreendidos por cheiros desenvolvidos especialmente para a mostra, inspirados no ambiente natural, de acordo com o ecossistema que estiverem visitando.

Na área do dossel das florestas – que é a cobertura formada pelas copas das árvores – por exemplo, é possível se sentir no topo de cada uma delas. Na sequência, um passeio lado a lado a microrganismos res-

Insetos das pradarias

Foto: Camille Niel & Studio Sensory Odyssey



ponsáveis pela vida subterrânea, com direito a cheiro de terra molhada e barulhos de formigas e de insetos carregando folhas.

A obra seguinte adiciona um superzoom às imagens de insetos, para que o público possa ver bem de perto como eles vivem e imaginar como são variadas as percepções que seres tão fascinantes têm de cada ambiente. O cheiro floral e o barulho de zumbidos completam a experiência.

O trajeto final da mostra prepara os visitantes para uma volta ao dia a dia mais atentos e conscientes em relação aos diversos estímulos sensoriais que nos cercam e à importância da preservação da biodiversidade.

“A primeira exposição temporária de 2024 joga luz sobre a coexistência das espécies e a interdependência da humanidade com a natureza. ‘Sentir Mundo’ coloca os visitantes em diferentes perspectivas e no habitat de outras espécies, propondo um mergulho na rede de interação entre elas. A mostra também levanta questões de preservação ambiental, que dialoga com toda programação do Museu e reforça a importância do tema e de se pensar em soluções. Tenho certeza que a exposição é um ótimo programa para todas as idades”, explica João Falcão, diretor-geral do Museu do Amanhã.

Além da parceria com o *Sensory Odyssey Studio*, a exposição conta com um conteúdo exclusivo produzido pelo Museu Nacional. Os pesquisadores desenvolvem

Subterrâneo

Foto: Camille Niel & Studio Sensory Odyssey





Foto: Camille Niel & Studio Sensory Odyssey

ram três insetários (caixas com diferentes espécies de insetos) para apresentar as espécies que fazem parte dos ecossistemas contidos na mostra. O material é exibido em um painel com textos explicativos e imagens, logo após a saída do espaço imersivo.

O projeto original, desenvolvido pelo *Sensory Odyssey Studio* em coprodução com o *Muséum National d'Histoire Naturelle*, (Museu Nacional de História Natural) já passou por Paris e Singapura e recebeu mais de 375 mil visitantes desde a sua inauguração, em 2021. No Rio de Janeiro, a exposição é apresentada pela Livelu,

com o apoio da IFF e realização do Museu do Amanhã. E conta também com parceria de conteúdo do Museu Nacional e ESDI.

SERVIÇO

Sentir Mundo – Uma jornada imersiva

Até 2 de junho

Museu do Amanhã

Praça Mauá, 1, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h

(com última entrada às 17h)

Às terças-feiras a entrada é gratuita.

Nos demais dias, os ingressos custam R\$ 30 a inteira e R\$ 15 a meia-entrada.

<https://museudoamanha.org.br/>

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868